



Revista da Abordagem Gestáltica:

Phenomenological Studies

ISSN: 1809-6867

revista@itgt.com.br

Instituto de Treinamento e Pesquisa em
Gestalt Terapia de Goiânia
Brasil

Casarín, Décio

Complementaridade Intuição/Ego: Awareness no Processo de Relação Criadora de Informação

Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies, vol. XIV, núm. 2, diciembre, 2008, pp.

227-229

Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt Terapia de Goiânia
Goiânia, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357735511011>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

ENSAIOS



ENSAIOS

COMPLEMENTARIDADE INTUIÇÃO/EGO: AWARENESS NO PROCESSO DE RELAÇÃO CRIADORA DE INFORMAÇÃO

Complementarity Intuition/Ego: Awareness on the Process of Creative Relations of Information

*Complementariedad Intuición/Ego: Sensibilización del Respecto de Información del
Respecto de la Información Creadora*

† DÉCIO CASARIN

Resumo: Considerando a frase: “Intuição é a inteligência do organismo”, síntese da concepção de Perls sobre “organismo” e outras, que tecem sua teoria, este texto aborda a questão da *morte*, por conta do organismo, e a questão da vida, por conta da intuição, elegendo *informação* como produto do contato criado pelo saber da intuição. Propõe *intuição* e *ego* serem inseparáveis numa complementaridade que faz a fronteira entre organismo e ambiente. Examina a polivalência da *awareness* e postula o resgate do *sentido* na teoria do contato, por sua função indispensável na linguagem verbal.

Palavras-chave: Intuição; Organismo; Contato; Awareness; Sentido.

Abstract: Considering the phrase: “Intuition is the intelligence of the body”, summary of Perls conception of “organism” and others, that support his theory, this article aboard the question of the death intended for organism, question of life intended for intuition, prizing *information* as contact’s product created by intuition’s wisdom. It proposes that intuition and ego must be the complementary and inseparable boundary between organism and environment. Assign a versatility to *awareness*, and requests to bring the notion of *sense* for contact’s theory, by its necessary function in verbal language.

Keywords: Intuition; Organism; Contact; Awareness; Sense.

Resumen: Teniendo en cuenta la frase: “Intuición es la inteligencia del cuerpo”, a corto Perls en el diseño del “cuerpo” y otros, que hacen de su teoría, este artículo aborda la cuestión de la muerte, por cuenta del cuerpo, y la cuestión de la vida, a cuenta de la intuición, la selección de la información como producto del contacto creado por el conocimiento de la intuición. Propone la intuición y el ego son inseparables de una complementariedad que es la frontera entre el organismo y el medio ambiente. Hace el examen de la versatilidad de la conciencia y plantea el rescate de sentido en la teoría de contacto, por su papel indispensable en el lenguaje verbal.

Palabras-clave: Intuición; Organismo; Contacto; Awareness; Sentido.

Fritz Perls conjugou as noções de auto-regulagem e “sabedoria do organismo”, colocando neste toda a capacidade de regulagem interna e regulagem de relação com o ambiente. Nessa condição, é o saber do *organismo* que está ativo, no tempo-espacó real, durante a atividade de *contato*, guiando a relação da pessoa com o ambiente e a *linguagem verbal*, porque esta, enfim, prevalece no ambiente da realidade humana.

O conceito de *organismo*, se não for construção teórica sem base de realidade, deverá corresponder à *informação* acumulada durante toda a vida, desde os primórdios desta, codificada no DNA de toda célula. E, assim, essa *informação* terá de ser primariamente determinista, forçando obediência às leis necessárias e imutáveis de preservação da vida como um todo.

Por isso, um realismo teórico deve reconhecer a *morte* como fenômeno de *resistência do organismo*, necessária à preservação da vida que atravessa todos os “organismos particulares”. Isso não requer dúvida. O *organismo* tem de estar forçando a morte do *particular* todo tempo, sem nenhum apego à vida deste, para exercer a finalidade primordial de, assim, forçar o aprimoreamento da vida total com a constante criação de *informação*.

Caso o *organismo* privilegiasse *vidas particulares*, impossibilitaria a vida, mas, por outro lado, o *organismo* não pode viabilizar a luta entre vida e morte, de igual para igual, exclusivamente dentro de si próprio, sob pena de empacar no choque de forças contrárias, máximas, equivalentes.

Fica, então, a hipótese de que o engenho do *organismo* criou um órgão vivo, no cérebro do particular, dotado de saber criador de informação, para ter exclusividade em se opor ao próprio *organismo*, numa complementaridade em que os contrários convergem para a mesma finalidade de constante recriação da vida. O único recurso possível a essa recriação terá de ser *informação*, porque a resistência não sustenta vida sem aquela. Isso parece óbvio.

Assim, o *organismo* foi forçado a apreender com as adversidades do ambiente e – no estágio evolutivo que já exigia capacidade de *contato* do particular com esse ambiente – gerou *informação* materializada num cérebro intuitivo, justamente, para este criar *informação* de *contato*, inicialmente ainda sem linguagem verbal.

Considerando-se que o organismo continuou apreendendo e desenvolvendo esse órgão ao longo da vida, então, no estágio humano, fez esse cérebro dobrar-se noutra estrutura orgânica e funcional, já estruturada em *linguagem verbal*, constituindo o *ego*. A complementaridade *organismo/intuição* acabou por gerar outra complementaridade – *intuição/ego* – atravessadas pelo corpo do ser particular, junto ao ambiente, integradas na ação do *contato*.

Nessa complementaridade, o componente da *intuição* é fonte do saber veiculado pelo pensamento natural da awareness com formação de *gestalten*, no sentido de criar *informação* perante qualquer eventualidade junto ao ambiente, com gozo ou sofrimento em *contato*.

Isso podemos depreender do fato de animais desenvolvidos, a exemplo de gatos e cachorros, por um lado, serem capazes de criar engenhos para suas intenções junto ao ambiente, realizar tarefas inteligentes, complexas, que exigem um cérebro capaz de fazer associações de sentido sem o recurso da abstração verbal; e, por outro lado, já começarem a associar sons e gestos numa comunicação com sentido e contato com seus amigos humanos. Nossos antepassados inventaram a linguagem verbal graças à potência do saber da *intuição*, com a provisão do ambiente externo, na *experiência*, que incitou o *organismo* a criar esse órgão da fala.

Awareness, em sua amplitude na atividade de *contato*, deve ser examinada, deixando de fora a *awareness interna*, celular ou conduzida pelas vias do sistema nervoso nos processos de comunicação da *intuição* com o *organismo*. A imensa distância funcional de complexidade entre awareness de *contato* e a outra, novamente nos obriga a privilegiar a *intuição* como o saber que emerge da curiosidade causada pelo ambiente, comunicando-se – esse saber da *intuição* – com o *organismo* pela via interna, sem perda de sua autonomia, cuja capacidade também se comunica com a linguagem verbal, o que o *organismo* não pode fazer.

Este não tem *awareness de contato*, é potencial da *informação* que dele será extraída e ativada pela *intuição*, justamente, para a finalidade do *contato*. No *contato*, a *intuição* pensa com a inteligência do senso de sentido, que no estágio humano servirá de base para o pen-

samento verbal ter sentido real junto à experiência. Sem essa base, não há como a pessoa distinguir um conteúdo verbal desconexo de um conteúdo com sentido, junto à vivência do verbo no substantivo da palavra. A atividade inteligente e plenamente capaz de exercer essa excelência informacional é *awareness de contato*, propriedade exclusiva do componente da *intuição*, na complementaridade *intuição/ego*.

A capacidade de discernir uma *sensação* (p.ex., audição de som externo), já acontece em animais, e, portanto, não é propriedade do *ego*, tal como a capacidade de associá-la com um sentido para guiar a intencionalidade de conduta junto ao ambiente. É propriedade da *intuição*, ativando *awareness nos sentidos corporais*. Observe-se que – de longe – essa não se trata da mesma *awareness* capaz de penetrar numa articulação de palavras e vascular seu vínculo de sentido com a experiência. Esta última já é *awareness* fundida em suprema inteligência, somente atingida pelo ser humano versado em linguagem.

Assim, a *awareness* das sensações, digamos, *awareness sensorial*, é a mais primitiva no *contato*, podendo acontecer em mera reação reflexa, sem criação de informação. A outra cria imediata *informação* ao acontecer *contato*. Todas essas variações e graus de *awareness* são simultâneas, fazendo parte de um fenômeno polivalente e evolutivo, que denominamos *awareness*.

Informação tem um componente de *novidade* e antecipação de *possibilidade*, diminuição da incerteza que permeia nossa realidade todo tempo. Durante o *contato*, cria alguma capacidade que não existia, por mínima que seja. No momento da *criação*, *informação* é ato exclusivamente *subjetivo*, ainda sem forma ou materialidade de *memória*; é princípio de *possibilidade* capturado nas relações de sentido que estão atravessando a *experiência*. Nesse momento, é o saber da *intuição* que dá origem à *informação*, mas esta logo se transmuta numa *representação* que terá *materialidade* para ser estocada como *memória* ou *transmitida* para fora da subjetividade, quando, então, é o *ego* que opera essa finalização. Se a *intuição* é o único poder que dá origem à *informação* no *contato*, esta, para ser consumada e aplicada, depende do *ego*. Assim, a *intuição* funciona como o sujeito do saber e o *ego* como agente do fazer ou materializar a *informação* e sua utilização na vida. Ambos numa complementaridade inseparável.

A teoria do *contato* da Gestalt-terapia omite o fenômeno real do sentido, reconhecido por semiologistas. Com isso, deixa um lapso para compreender o fator essencial de função da *awareness* no processo de relação criadora de *informação* com o ambiente, porque sem vínculo de sentido, a sucessiva formação de *gestalten* não seguiria um movimento de inteligibilidade criador dessa *informação*, tanto no mundo animal como humano.

O sentido é real, acontece entre todas as expressões da vida, como um movimento de vínculo de umas com outras, pela própria constituição da Matéria que nos ori-

ginou, desde antes da vida biológica. É um fenômeno de relação da *mudança* com a *resistência*, permitindo uma ordem e coesão, no movimento incessante dessa matéria em qualquer instância.

Para nossa psique, assentada na dualidade *intuição/ego*, inseparáveis da matéria de um *corpo*, o *sentido* proporciona um *senso de inteligibilidade* na experiência subjetiva de *contato* com a exterioridade do ambiente e interioridade do *corpo* ou sua película intermediária entre dentro e fora.

O fenômeno de *contato*, descartados todos seus aspectos periféricos, é um fenômeno criador de *informação* para o *ser particular*, presente com seu *corpo* e ação junto ao ambiente. Depende da recepção dos sentidos corporais, ainda num estágio de *awareness sensorial*; passa pela *representação* das idéias invariavelmente conectadas à *memória*; sustenta-se em *saber* que permeia a *experiência* com *senso de sentido*, graças à *awareness* ou *inteligência* da *intuição*.

Nesta hipótese aqui finalizada, então, é inconcebível qualquer outra possibilidade que não seja de a *intuição* e *ego* serem uma *complementaridade inseparável*, a qual sim, é que será a *fronteira de relação* entre o *organismo* e o *ambiente*, assentados no *corpo*. Com exceção do ambiente, que é externo, nenhum desses componentes terá poder independente sobre qualquer outro, sendo o *contato* a resultante da integração de todos.

† **Décio Casarin** - Formado em Medicina (1963), tendo obtido seu título de especialista em psiquiatria em 1973. Desistiu da psiquiatria em 1975, passando ao campo da psicoterapia. Estuda Gestalt-terapia durante três anos entre 1975 e 1977, em grupo dirigido por Adriana Schnake (Nana) e Francisco Huneeus (Pancho), terapeutas chilenos. Desde 1977 trabalhou em Gestalt-terapia como terapeuta individual, maratonas e grupos. Nos últimos anos, recolheu-se para aprofundar estudo de Semiótica e escrever o livro *Contato* (Ed. Revinter), lançado no último Congresso Nacional de Gestalt-terapia, no Rio de Janeiro. Deixou-nos prematuramente, em maio desse ano.

Recebido em 20.01.07
Aceito em 18.08.07